

Tráfego aéreo expõe poder do garimpo na terra Yanomami

Tráfego aéreo até para exterior expõe poder do garimpo em área Yanomami

— O Estadão teve acesso a detalhes da cadeia logística que os garimpeiros, com o uso de aviões, utilizam para saquear a área; estratégia inclui até invadir pistas oficiais

ANDRÉ BORGES
BRASILIA

Uma profusão de rotas aéreas clandestinas, com atividade constante dentro e fora do território nacional, mantida pelo crime organizado para extrair ouro e cassiterita da terra indígena Yanomami. A reportagem do Estadão teve acesso a detalhes da cadeia logística que os garimpeiros, com o uso de aviões, utilizam para saquear a terra indígena em Roraima.

Os mapas que traçam a movimentação da atividade ilegal revelam que essas rotas não se limitam a viagens realizadas entre os garimpos e os principais municípios do Estado ou a capital, Boa Vista. Há constante movimentação, também, dentro da Venezuela, com locais frequentes de acesso no país vizinho, que faz fronteira com boa parte da terra indígena Yanomami.

Dentro da terra indígena, a via aérea é a principal rota de acesso aos garimpos ilegais, sendo o meio usado não só para transportar o minério extraído, mas também insumos básicos da atividade criminosa, como combustível, peças e alimentos. Os rios são a segunda forma de transporte que impulsiona as ações clandestinas, mas que costumam ser mais utilizados nos meses de cheia.

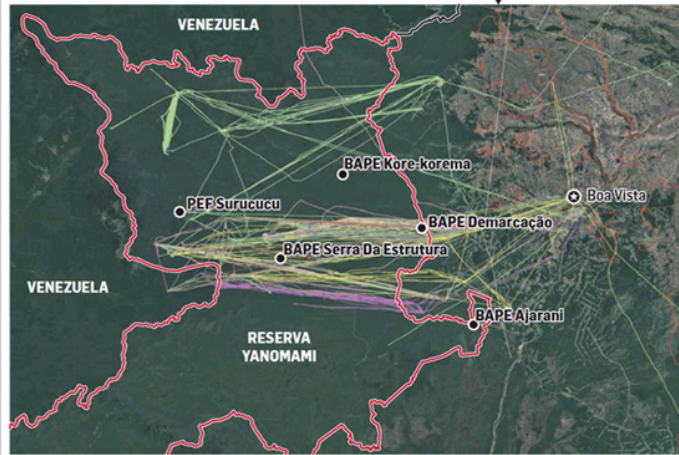
O preço médio das aeronaves que costumam ser usadas revela que as atividades estão longe de serem "artesaniais". A maior parte dos aviões utilizados pelos garimpeiros da região, de acordo com um agente ambiental que atua há anos na região e que foi ouvido pela reportagem, é do tipo monomotor, como Cessna 182, comercializado com o nome de Skylane, e que custa cerca de R\$ 400 mil. Há ainda uso de helicópteros, como os modelos Robinson 44 ou 66, que são bem mais caros e custam a partir de R\$ 3 milhões.

A audácia dos garimpeiros para ampliar a logística aérea dentro da terra indígena demarcada chegou a tal ponto que os criminosos passaram a tomar pistas de pouso oficiais, construídas pelo governo para que os indígenas pu-

MOVIMENTO INTENSO

Imagens de satélite revelam que rotas clandestinas chegam a sair do Brasil e entram em território da Venezuela

ROTAS AÉREAS
BASES MILITARES E POLICIAIS



Pista roubada

Base de Homoxi, em Alto Alegre (RR), foi aberta pelo governo para entrega de remédios e alimentos, mas garimpeiros converteram área em aeroporto do crime



dessem receber insumos básicos de saúde e alimentação. Foi o que aconteceu, por exemplo, na de Homoxi, no município de Alto Alegre. Até início de 2022, uma unidade básica de saúde funcionava ao lado desta pista de pouso. Em três meses, o local foi tomado pelos garimpeiros, que expulsaram as equipes de saú-

de e transformam a unidade em um aeroporto do crime, com exploração de minério ao redor da própria pista.

FECHAMENTO. Em um documento do Ibama obtido pela reportagem, fiscais do órgão ambiental que atuam em campo alertaram sobre a gravidade da situação, que "in-

viabiliza a prestação de adequado serviço de saúde aos indígenas".

O diagnóstico levou os fiscais do Ibama a sugerirem, à Diretoria de Proteção Ambiental (Dipro) do órgão, que fosse realizado o fechamento do espaço aéreo sobre a terra indígena Yanomami, como forma de ajudar a coibir o des-

locamento. "Considerando que foi identificada rota de voos para além das fronteiras nacionais, sugere-se que seja comunicada à Força Aérea e solicitado o fechamento do espaço aéreo na terra Yanomami", afirmam, no documento.

A reportagem questionou a Força Aérea Brasileira para saber se recebeu alguma demanda no ano passado, para fechar o espaço aéreo sobre a terra indígena. A FAB não respondeu ao questionamento, mas disse que "mantém alertas de defesa no espaço aéreo que compreendem a Terra Indígena Yanomami, operando a partir de Boa Vista (RR) e cumprindo ações de policiamento do espaço aéreo 24 horas". Segundo a FAB, só em 2022, "foram realizadas 34 intercepções de aeronaves nas proximidades de Boa Vista, incluindo a região mencionada".

FISCALIZAÇÃO. As restrições de fiscalizações aéreas são, há anos, um dos principais problemas enfrentados pelas forças de segurança que atuam na proteção do território Yanomami. Há falta generalizada de aeronaves – sejam helicópteros ou jatinhos – por parte do Ibama, Funai e Instituto Chico Mendes (ICMbio), além de outras forças policiais que apoiam as operações.

O garimpo é realidade de décadas na terra indígena Yanomami, mas que teve aumento exponencial no ano de 2019, conforme apontam dados oficiais do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe), órgão do Ministério da Ciência e Tecnologia. Segundo a série histórica, foram 29 mil quilômetros quadrados naquele ano, o maior volume desde 2008, quando o índice chegou a 14 mil quilômetros quadrados.

As estimativas apontam que a população indígena é de cerca de 30,4 mil indígenas, vivendo em 386 comunidades. Não existem dados precisos sobre o total de garimpeiros no local, mas estima-se que, com a alta dos últimos anos, cerca de 25 mil atuem com atividades clandestina no território, que teve a sua demarcação concluída em 1992. ●

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal O Estado de S. Paulo

Seção: Metrópole **Caderno:** A **Página:** 17